

## CIBERFEMINISMO E EDUCAÇÃO: DISCURSOS, RACIALIDADE E QUESTÕES DE GÊNERO

Luzineide Miranda Borges<sup>1</sup>

Ananda Radharanni<sup>2</sup>

### Resumo

No contexto de isolamento e distanciamento social, por conta da pandemia do COVID19, as redes sociais digitais se configuram como grande aliada comunicativa. O digital em rede tem potencializado o compartilhamento de informações em tempo real, fortalecendo a comunidade científica na divulgação e produção do conhecimento. O objetivo desse artigo é refletir como as mulheres negras brasileiras apropriam-se das redes sociais digitais para construir uma identidade de gênero, de raça e classe positiva, contribuindo para resistência e emancipação do grupo. Para compreender as militâncias das mulheres negras, fez-se necessário analisar os processos de identidades que essas mulheres deixam nas suas redes sociais digitais. Para compreendermos as categorias de análises: raça, gênero e classe dialogamos com as pesquisadoras: Sueli Carneiro, Angela Davis, Bell Hooks, Deepika Bahri, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzáles e Thaysa Malaquias. A metodologia utilizada foi a netnografia (HINE, 2015) e a análise dos dados teve como base os estudos sobre cotidianos educativos e narrativas digitais (SANTOS, 2014). O campo de pesquisa foram as Challenges produzidas pelas mulheres negras e compartilhadas em suas redes sociais digitais no início da pandemia, a aqui no Brasil. Negritar as potências e desafios das lutas e narrativas das mulheres é crucial, pois amplia e fortalece as construções de mulheres negras como protagonistas de sua história. A relação estabelecida entre o feminismo negro e a tecnologia permite que se crie um novo campo de descoberta e consequentemente de análise.

**Palavras-Chave:** Ciberfeminismo; Redes Educativas; Raça; Gênero.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre em Educação e Contemporaneidade, Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz - Ba. Pesquisadora do Azânia - Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Gêneros, Sexualidades, Religião, Performances e Educação. Atualmente tenho pesquisado: Redes Educativas, Religiosidade Afrobrasileira, Racismos e Ciberativismos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5376-968X>. E-mail: [lmborges@uesc.br](mailto:lmborges@uesc.br).

<sup>2</sup> Graduanda no curso de Letras com habilitação em Línguas e Literaturas Portuguesa e Inglesa pela UESC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9816-5329>. E-mail: [anandabrasil01@gmail.com](mailto:anandabrasil01@gmail.com).

## CYBERFEMINISM AND EDUCATION: SPEECH, RACIALITY AND GENDER ISSUES

### Abstract

In the context of isolation and social distancing, due to the COVID19 pandemic, digital social networks are configured as a great communicative ally. The digital network has enhanced the sharing of information in real time, strengthening the scientific community in the dissemination and production of knowledge. The aim of this article is to reflect on how Brazilian black women appropriate digital social networks to build a positive gender, race and class identity, contributing to the resistance and emancipation of the group. To understand the militancy of black women, it was necessary to analyze the identity processes that these women leave in their digital social networks. To understand the categories of analysis: race, gender and class, we dialogued with the researchers: Sueli Carneiro, Angela Davis, Bell Hooks, Deepika Bahri, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzáles and Thaysa Malaquias. The methodology used was netnography (HINE, 2015) and data analysis was based on studies on educational daily life and digital narratives (SANTOS, 2014). The research field was the Challenges produced by black women and shared on their digital social networks at the beginning of the pandemic, here in Brazil. Highlighting the strengths and challenges of women's struggles and narratives is crucial, as it expands and strengthens the constructions of black women as protagonists of their history. The relationship established between black feminism and technology allows for the creation of a new field of discovery and, consequently, of analysis.

**Keywords:** Cyberfeminism; Educational Networks; Race; Gender.

## CIBERFEMINISMO Y EDUCACIÓN: DISCURSO, RACIALIDAD Y CUESTIONES DE GÉNERO

### Resumen

En el contexto de aislamiento y distanciamiento social, debido a la pandemia COVID19, las redes sociales digitales se configuran como un gran aliado comunicativo. La red digital ha mejorado el intercambio de información en tiempo real, fortaleciendo a la comunidad científica en la difusión y producción de conocimiento. El objetivo de este artículo es reflexionar sobre cómo las mujeres negras brasileñas se apropian de las redes sociales digitales para

construir una identidad positiva de género, raza y clase, contribuyendo a la resistencia y emancipación del grupo. Para entender la militancia de las mujeres negras, era necesario analizar los procesos de identidad que estas mujeres dejan en sus redes sociales digitales. Para entender las categorías de análisis: raza, género y clase, dialogamos con los investigadores: Sueli Carneiro, Angela Davis, Bell Hooks, Deepika Bahri, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzáles y Thaysa Malaquias. La metodología utilizada fue la netnografía (HINE, 2015) y el análisis de datos se basó en estudios sobre la vida cotidiana educativa y las narrativas digitales (SANTOS, 2014). El campo de investigación fueron los Desafíos producidos por mujeres negras y compartidos en sus redes sociales digitales al inicio de la pandemia, aquí en Brasil. Destacar las fortalezas y desafíos de las luchas y narrativas de las mujeres es crucial, ya que expande y fortalece las construcciones de las mujeres negras como protagonistas de su historia. La relación que se establece entre el feminismo negro y la tecnología permite la creación de un nuevo campo de descubrimiento y, en consecuencia, de análisis.

**Palabras clave:** Ciberfeminismo; Redes educativas; Raza; Género.

## ENCURTANDO O TAMANHO DA SAIA E O MOVIMENTO FEMINISTA

Quando uma mulher é avaliada primeiramente pelo seu gênero antes de considerar suas habilidades e/ou capacidades de desempenhar um serviço, estamos dentro de uma situação machista. Onde existe a negação à mulher dos mesmos direitos exercidos pelos homens. O mesmo ocorre quando uma mulher, dentro de um ônibus tem seu corpo violado. Esse homem deixa de vê-la como um ser humano que tem necessidades e vontades, e para ele, é vista como um objeto para saciar seus desejos.

Nessas situações existe uma demarcação entre o poder masculino sobre o corpo da mulher. Neste cenário, a mulher é vista como alguém subserviente ao homem, em que seus desejos e o poder em relação ao seu corpo estão ligados ao homem. A partir do momento em que essa mulher adquire consciência dessa estrutura que a oprime e passa a ser parte da ruptura dessa estrutura machista construída, temos o surgimento da mulher feminista. Essa construção social não é recente, e uma das justificativas para a manutenção dessa estrutura é de que a mulher naturalmente deve ocupar esse lugar de subalternidade em relação ao homem.

Existiram muitas autoras que possibilitaram as discussões sobre o feminismo e uma delas foi Betty Friedan que tem um livro chamado *The feminine mystique*. “Publicado em 1963, ainda é saudado como o livro que abriu caminho para o movimento feminista contemporâneo. Embora o livro já tenha sido criticado e até mesmo atacado por vários motivos, volto a chamar a atenção porque certas premissas tendenciosas sobre a natureza da condição social das mulheres, postuladas inicialmente nele, continuam a moldar o teor e a direção do movimento feminista.”(hooks, 2015, p.193) <sup>3</sup>.

É importante reconhecer a importância do livro de Friedan, também sua relevância na influência tanto positiva que um livro pode ter, mas não se pode esquecer de criticar seus aspectos negativos, já que é assim que podemos aprender e não cometer os mesmos erros. Não é à toa que hoje em dia discutimos estas questões do discurso universalizado, em que as mulheres sofrem as mesmas dores, quando na verdade, mulheres brancas não são vistas pela sociedade da mesma forma e conseqüentemente não compartilham das mesmas dores e que as mulheres negras.

Através desse discurso de Friedan, que universalizou e “transformou suas dificuldades e as de mulheres brancas como ela em sinônimo de uma condição que afetaria todas as mulheres nos Estados Unidos. Ao fazê-lo, desviou a atenção de seu classicismo, seu racismo, suas atitudes sexistas em relação à massa de mulheres norte-americanas”. (hooks, p. 194).

Fica ainda mais evidente a ideia de que mulheres brancas e mulheres negras não compartilham das mesmas angústias. É necessário pensar também que naquele momento a mulher negra não era vista pela sociedade branca como um ser que tinha necessidades, desejos e vontades próprias. Esse silenciamento foi e deve ser entendido como racismo, assim como quando pautas negras são deixadas em segundo plano em discussões.

Enquanto as mulheres brancas donas de casa lutavam para serem reconhecidas como parte do mercado de trabalho. Outras mulheres lutavam pela sua sobrevivência, já que não gozavam do mesmo conforto, ou seja, não

---

<sup>3</sup> Por uma questão política seu nome se escreve com letras minúsculas.

tinham muitas vezes um marido provedor e um lar bem estruturado. O movimento feminista busca a igualdade entre os gêneros e uma de suas pautas é a busca pela igualdade salarial e as mesmas oportunidades de emprego.

Apesar da busca pela igualdade de gênero, o movimento quando discutido pelo viés racial, se revela negligente. Apesar de buscar resolver questões empregatícias, a mulher negra no Brasil trabalhou informalmente desde a sua escravização. Desta forma, a ausência de pautas que discutam questões raciais fez com que a mulher negra não fosse levada em conta nessas discussões. Um dos pontos que permitiu a exclusão da mulher negra, foi a criação do mito da democracia racial. E a permanência dessa estrutura beneficia não só o homem branco, mas a mulher branca também, e o cenário desenhado é o de mulheres brancas reunidas discutindo suas necessidades enquanto a mulher negra está na cozinha preparando os quitutes para as brancas saborearem enquanto pensam em como ocupar os espaços e o mercado de trabalho.

A mulher branca precisa ter conhecimento do impacto do seu discurso, não só porque precisamos ser antirracistas, mas porque precisamos do apoio destas mulheres na luta feminista, classista e racial, de forma que exista a emancipação de todos. Já que no final das contas, todas são discriminadas. O que não é aceitável é que nesta luta mulheres brancas também sejam opressoras por não terem uma visão ampla de uma sociedade desigual em várias camadas ou acreditarem que podem falar pelas mulheres de forma universal.

### **DEIXA ESSES PRATOS AÍ: VEM NOS OUVIR, FEMINISMO NEGRO**

Como efeito da falta de representação das pautas negras dentro das discussões do movimento feministas e a ausências das discussões de gênero dentro do movimento negro. Houve a necessidade da criação de um movimento em que essas vozes fossem levadas em consideração e discutidas. Pois acreditar que mulheres negras compartilham os mesmos interesses com as brancas é agir cegamente e nivelar o movimento das mulheres no mundo como homogêneo.

As mulheres lutam juntas, mas sabendo que nunca serão iguais porque somos diferentes e temos trajetórias, histórias e vivências diferentes em relação ao gênero.

O movimento feminista negro busca trazer inserção do debate racial com os debates de gênero. Já que a mulher negra experencia o gênero ligado a raça. “Ainda é muito comum se dizer que o feminismo negro traz cisões ou separações, quando é justamente o contrário. Ao nomear as opressões de raça, classe e gênero, entende-se a necessidade de não hierarquizar opressões. (RIBEIRO, 2017, p.13). E com isso não só se discute o papel da mulher na sociedade e suas necessidades, mas também o impacto da raça nessas vivências. É importante entender que dentro do movimento feminista negro, cada grupo oprimido ocupa um espaço, “entendendo o quanto raça, gênero, classe e sexualidade se entrecruzam gerando formas diferentes de experenciar opressões” (RIBEIRO, 2017 p. 71).

Tenta-se pensar não partindo de um olhar do colonizador, pois por muito tempo está foi a perspectiva vigente que reproduzíamos e ainda é reproduzida pela sociedade de modo geral. É necessário descolonizar o olhar e partir de uma perspectiva feminina e negra. Principalmente porque as mulheres negras “nessa perspectiva, não são nem brancas e nem homens, exercem a função de *Outro do Outro*” (RIBEIRO, 2017 p. 38).

Pensar as questões sobre o ser mulher negra no pós-colonialismo é não permitir que os discursos engessem. O que quero dizer, é que: “As práticas excludentes das mulheres que dominam o discurso feminista praticamente impossibilitaram o surgimento de novas e variadas teorias. O feminismo tem sua “linha justa”, e as mulheres que sentem necessidade de uma estratégia diferente, um alicerce diferente, muitas vezes se veem marginalizadas e silenciadas. ” (hooks, 2015, p. 201).

As formulações, as demandas os conceitos, as vivências demandam cuidado, uma vez que todos eles mudam, ganham novas formas e contextos. Com isso é importante estar atento as práticas excludentes e não repetir não só a ideologia do individualismo, mas também possibilitar novas formas de existir e não correr o risco de marginalizar vozes e corpos.

Até que se faça uma diferenciação consciente entre a teoria da individualidade que reconhece a importância do indivíduo dentro da coletividade e a ideologia do individualismo que assume uma visão competitiva do indivíduo, não haverá uma visão completa sobre como deve ser a teoria feminista da libertação em nossa sociedade ocidental (hooks, 2015, p.201).

Essas questões precisam ser discutidas com rigor visto que, enquanto existir competitividade de quem sofre mais opressões, discriminações ou competições de quem detêm a fama e o prestígio. Estaremos debatendo e buscando o reconhecimento dentro da ideologia do individual. Quando na verdade a nossa busca precisa ser pela ascensão individual na coletividade.

A autora hooks descreve sua experiência em grupos feministas destacando que “as mulheres brancas adotavam uma atitude condescendente em relação a mim e outras participantes não brancas. A condescendência que elas dirigiam a mulheres negras era um dos meios que empregavam para nos lembrar de que o movimento de mulheres era “delas” - que podíamos participar porque elas nos permitiam, até mesmo incentivaram; afinal, éramos necessárias para legitimar o processo. Elas não nos viam como iguais, não nos tratavam como iguais. E, embora esperassem que fornecêssemos relatos em primeira mão da experiência negra, achavam que era papel delas decidir se essas experiências eram autênticas”. (hooks, 2015, p.204).

A adoção dessa postura tida pelas mulheres brancas reforça o pensamento de que o movimento feminista não era um espaço em que a mulher negra poderia ser vista como protagonista. Não existia da parte das brancas um olhar empático em relação as outras mulheres. Resumindo-se em um feminismo burguês, cego para a coletividade e fechado em relação as demandas do que elas consideram como importante.

As mulheres brancas sempre tiveram legitimidade de escuta. E isso se deve exclusivamente a sua condição racial, nasceram brancas e não traz nas suas narrativas memórias do cativo, nem os traumas da escravidão. O fato de a mulher branca ocupar um espaço de privilégio, quando comparada a mulher negra, possibilitou que ela se mantivesse a distância e não buscasse ter um olhar empático sob as desigualdades que existem entre as mulheres.

A violência que as mulheres sofrem são comuns, mas não são iguais: enquanto as mulheres brancas queimavam sutiã como protesto ao patriarcado e ao sexíssimo a que eram submetidas no final do século XIX e metade do século XX, que a impedia o acesso ao mercado de trabalho e ao direito ao voto. As mulheres negras estavam nas suas cozinhas, cuidando dos seus filhos e dos filhos das mulheres brancas, assim como negada ao direito a educação, ao voto e as condições dignas de trabalho, na base das violências contra as mulheres negras estão os traumas do racismo.

Essa ação de não considerar urgente e não buscar dialogar com mulheres negras perpetua a ideologia de universalização e do não reconhecimento das pautas negras.

Certamente tem sido mais fácil para as mulheres que não vivenciam opressão de raça ou classe se concentrar exclusivamente no gênero. Embora se concentrem em classe e gênero, as feministas socialistas tendem a negar a raça ou fazem questão de reconhecer que a raça é importante e, em seguida, continuam apresentando uma análise em que a raça não é considerada. (hooks, 2015, p,207).

Dessa forma, podemos dizer que o movimento feminista que não aborda esses três pontos, é racista. É estruturado de tal forma, que é cômodo para o opressor evitar falar da opressão que pratica e evitar ter que se desgastar debatendo e discutindo sobre isso. É utópico esperar que as mulheres brancas levantem essas pautas. É conveniente negar a existência da conexão entre gênero, raça e classe, pois assim se exclui as pautas desagradáveis.

O feminismo, foi um movimento ocidental incapaz de aliar questões raciais as suas pautas. Por outro lado, “o feminismo examina os relacionamentos entre homens e mulheres e as consequências dos diferenciais de poder para a situação econômica, social e cultural das mulheres (e dos homens) em diferentes lugares e períodos da história”. (BAHRI, 2013, p.660).

Por uma perspectiva pós-colonial, há uma aproximação entre a teoria feminista. Uma vez que as duas discutem, a dominação e a hegemonia branca masculina. E essa dominação pode ser vista em ação na colonização e de que forma ela se concretizou nos países, gerando uma série de ações problemáticas. Em que elas “se ocupam de temas semelhantes de representação, voz, marginalidade e da relação entre política e literatura. Visto que os dois projetos

empregam perspectivas multidisciplinares, ambos estão atentos, pelo menos em princípio, ao contexto histórico e às coordenadas geopolíticas do tema em discussão.”.(BAHRI, p.662).

Como esses espaços foram negados ou inacessíveis para as minorias a ideia de representatividade proposta pelo pós-colonialismo é importante. Ao mesmo tempo em que o indivíduo que faz parte dessa minoria ascende e consegue ocupar espaços que anteriormente eram negados, ele participa, convida e incentiva os seus iguais a entenderem a necessidade ocupar e representar os posicionamentos em comum ao deles.

Áreas como os estudos das mulheres e os estudos pós-coloniais surgiram em parte como resposta à ausência ou à indisponibilidade de perspectivas sobre as mulheres, as minorias raciais e as culturas ou comunidades marginalizadas em relatos históricos ou anais literários. Essa falta de representação é semelhante nas esferas política, econômica e legal. (BAHRI, p.665).

Porém esse discurso sobre representação é perigoso nesse sentido, uma vez representada, essa imagem condiz com a realidade e em perceptiva essa caracterização se dá, existe de fato uma aproximação com a realidade. O outro fala por si, não é cabido que ele seja retratado pelo hegemônico, mas que esse espaço seja dado para que ele fale e lute por si. A mulher negra precisa de alguém que efetivamente ouça e reconheça sua fala. O que a mulher branca precisa é a partir do seu privilégio dar espaço para a mulher negra falar por ela mesma.

## O CIBERFEMINISMO NEGRO

As tecnologias da comunicação e da informação avançam junto com a humanidade. A cada dia as atualizações de aplicativos e interfaces digitais são disponibilizadas para nós. Todas essas interfaces tecnológicas possibilitam que não só nos reunamos, mas também que tenhamos acesso gratuito e democrático, em sua maioria, a informações, serviços e cursos online voltado para as mais diversas áreas do conhecimento. Outra vantagem é a possibilidade de acessar informações e discussões que acontecem ao redor do mundo. Essas organizações políticas permitem que tenhamos acessos as discussões feitas em

vários espaços geograficamente distantes. “Hoje, utilizamos essas tecnologias, como a internet, não só para problematizar e colocar em pauta as questões sobre o “ser mulher”, como também para nos organizarmos politicamente, através de textos, blogs e vídeos, assim como em forma de arte.” (MALAQUIAS, 2016).

A relação estabelecida entre o feminismo e a tecnologia permite que se crie um novo campo de descoberta e conseqüentemente de análise. “O ciberfeminismo, segundo Sadie Plant, escritora e filósofa inglesa, é “uma aliança entre as mulheres, a maquinaria e as novas tecnologias. Existe uma velha relação entre a tecnologia da informação e a libertação das mulheres”.”. (MALAQUIAS, 2016).

O termo ciberfeminismo surge através da Donna Haraway, que foi uma filósofa e escritora do final do século XX, do “Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, publicado originalmente na Socialist Review, em 1985. É nele que Haraway descreve a crise identitária dos movimentos sociais, principalmente a do movimento feminista, e a influências das novas tecnologias nesse movimento. Seus conceitos são fundamentais para o entendimento da teoria ciberfeminista, e oferecem um grande espectro de análise das relações entre feminismo e novas tecnologias.”

A autora questiona a formulação sobre o conceito do que é o ser mulher e de que essa não seja uma construção social, mas sim um conceito ligado a natureza. Essa noção quebra com a ideia da naturalização da mulher que é uma ideia muito discutida entre o feminismo radical. Em que mulheres que não são biologicamente entendidas como mulheres, tem sua identidade de gênero negada. Essa concepção reforça o ideal conservador patriarcal da mulher ligada a natureza e todos os estereótipos criados para subjugar a mulher em relação ao homem.

Haraway entende identidade como a associação política baseada na afinidade e não em uma identificação concebida como “natural”. “A bióloga enxerga no ciborgue um modelo para essa nova política de identificação. O que ela entende pelo termo nada mais é do que a fusão de animal e máquina, somos

nós e nossa relação com nossos aparelhos eletrônicos e digitais.” (MALAQUIAS, 2016). O ciberfeminismo está para além de apenas uma utilização de plataforma como um meio. É a discussão sobre a relação estabelecida dentro do movimento com a utilização da tecnologia em que não se sabe dizer em quem ponto temos o início e o fim dessa relação.

Com os avanços tecnológicos e desde o “Manifesto Ciborgue” de Haraway. Existe uma dinâmica nas sociais. Informações são passadas por qualquer pessoa com acesso, ou seja, existe uma “democratização” do acesso à informação. No que diz respeito ao ciberfeminismo existe uma segurança maior em se conectar, e se sentir segura em debater aspectos do feminismo. Sendo assim uma ferramenta que permite a inserção e fomenta os debates feministas.

## **TECENDO OS FIOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA - CONVERSANDO COM OS DADOS**

Na busca por compreender como os jovens e as jovens transitavam nas redes sociais digitais a partir dos dispositivos móveis digitais em rede realizamos uma etnografia virtual produzidas por eles nas redes sociais digitais, como Facebook, Instagram e TikTok. A etnografia virtual é uma metodologia de pesquisa usada pelos etnopedisadores que procuram compreender o transitar dos participantes da pesquisa na cibercultura. A pesquisa foi realizada nas redes sociais online de mulheres negras inseridas no ciberespaço.

O objetivo da pesquisa foi analisar como as mulheres negras brasileiras apropriam-se das redes sociais digitais para construir uma identidade de gênero, de raça e classe positiva, contribuindo para resistência e emancipação do grupo. Para compreender as militâncias das mulheres negras, fez-se necessário analisar os processos de identidades que essas mulheres deixam nas suas redes sociais digitais (Facebook e Instagram). A pesquisa é de abordagem da etnopedisadora crítica como uma possibilidade metodológica para as pesquisas de abordagem qualitativa. Apontar a origem dos conceitos, os teóricos que auxiliam esse tipo de pesquisa, o percurso que ampara as apreciações e

desvendar os olhares para o campo de pesquisa e as possibilidades, domínios e critérios que devemos abraçar para construir um espaço de rigor que os estudos etnográficos exigem. O objetivo é colaborar para o adensamento de reflexões e práticas de pesquisas que se preocupem em entender os movimentos da horizontalidade nos grupos sociais investigados.

A opção da Etnopesquisa se evidencia pela etnografia semiológica como recurso metodológico básico e suas especificidades clínicas ou qualitativas. Tais especificidades do método etnográfico nos remeteram, de alguma forma, à noção de pesquisa qualitativa, podendo assumir (...) conotações diferentes, dependendo da orientação teórica de quem utiliza. Tomando de empréstimo as elaborações de Ludker e André (1986) sobre as pesquisas que priorizam os âmbitos qualitativos da Educação, podemos dizer que as Etnopesquisas apresentam as seguintes características metodológicas: Tem o contexto como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; supõe o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada; os dados da realidade são predominantemente descritivos, e aspectos supostamente banais em termos de status de dados significativamente valorizados. Nestes aspectos, valoriza-se intensamente a perspectiva qualitativa fenomenológica, que orienta ser impossível compreender o comportamento humano sem tentar estudar o quadro referencial e o universo simbólico dentro dos quais os sujeitos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. (MACEDO, 1998, p.144).

Compreender a partir do olhar de Macedo (2012), que a escolha de uma metodologia é uma opção política, tal qual a escolha de uma pesquisa e todo o desdobramento advindo dela.

Compreendemos, nesse contexto, que o conhecimento deve ser constituído das *etnocompreensões* produzidas a partir da heterogênesse do protagonismo das redes educativas e suas implicações pautadas nas suas lutas por políticas sociais, identidade de pertencimento e produção de conhecimento, utilizando seus *etnométodos* como dimensões entretecidas e imbricadas no seu cotidiano (MACEDO, 2012). Os *etnométodos* são recursos metodológicos utilizados durante o desenvolvimento da pesquisa.

Para uma *etnocompreensão* das redes educativas sociais digitais, usaremos os *etnométodos* como dispositivos de *etnopesquisa-implicada*, a fim de compreender como as mulheres negras constroem a identidade e como são construídos o discurso de raça e de gênero nas redes sociais digitais, bem como compreender como estas redes colaboram para uma educação da diversidade

na formação da identidade de gênero, raça e classe das mulheres negras de Ilhéus-Bahia.

Na busca por compreender como as mulheres negras transitavam nas redes sociais digitais a partir dos dispositivos móveis digitais em rede tais como: *tablet e smartphone*, realizaremos uma *etnografia virtual* ou *netnografia* das *etnonarrativas* digitais produzidas por elas no *Facebook* e *Instagram*: comentários e postagens de *etnofotografias*, *etnovídeos*, *etnoáudios* e *etnoimagens* produzidas pelos atores sociais nas redes sociais digitais. A *etnografia virtual* é uma metodologia de pesquisa usada pelos *etnopedagogos* que procuram compreender o transitar dos participantes da pesquisa na cibercultura.

Inicialmente a pesquisa seria realizada nas redes sociais *online* das estudantes negras das licenciaturas, especificamente dos cursos de Letras e Pedagogia. O mapeamento seria feito a partir de formulário online encaminhado pelo e-mail da turma no início do primeiro semestre em 2020. Considerando a especificidade do momento que estamos vivendo em razão do novo coronavírus SARS-CoV-2, causador da COVID-19, e levando em conta o disposto no Decreto Estadual nº 19.529/2020, nas Resoluções CONSU 05/2020 em que as aulas foram suspensas e não tivemos acesso aos e-mails das turmas. Não só, ampliamos o nosso campo de pesquisa como o perfil das participantes.

Assim, a pesquisa foi realizada com mulheres negras de todo Brasil que tivemos acesso a partir da disponibilização do formulário online compartilhado nos grupos de WhatsApp e nos nossos perfis no Instagram e Facebook.

Para o desenvolvimento da pesquisa seguimos as seguintes etapas:

Reuniões presenciais (novembro a janeiro) e online (março a agosto) para as discussões metodológicas e epistemológicas da pesquisa.

Rastreamento das narrativas digitais de mulheres negras das nossas redes sociais digitais - nessa etapa fomos surpreendidas com a viralização das *challenges*<sup>4</sup> e percebemos que algumas estudantes da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, da qual fazemos parte, participaram desse movimento

---

<sup>4</sup> /[www.eonline.com/br/news/1138443/don-t-rush-challenge-o-desafio-que-exalta-a-beleza-negra](http://www.eonline.com/br/news/1138443/don-t-rush-challenge-o-desafio-que-exalta-a-beleza-negra)

online. A partir daí direcionamos o nosso formulário com essa observação. Para participar da nossa pesquisa teria que ser mulher negra que durante a pandemia tinha participado de alguma *challege*;

Elaboração e encaminhamento dos formulários *online* (entrevista semiestruturada) para mulheres negras. No formulário fizemos uma apresentação do projeto e pedimos a autorização do livre consentimento dos dados (imagens e vídeos) capturas em suas redes sociais digitais.

Para compreensão dos dados, teremos, inicialmente, como categoria de compreensão os achados de pesquisa a partir da etnopesquisa virtual, na qual observamos os seus compartilhamentos nas redes sociais digitais que representem os seus pertencimentos no ciberespaço demarcando as questões de gêneros, raça e classe.

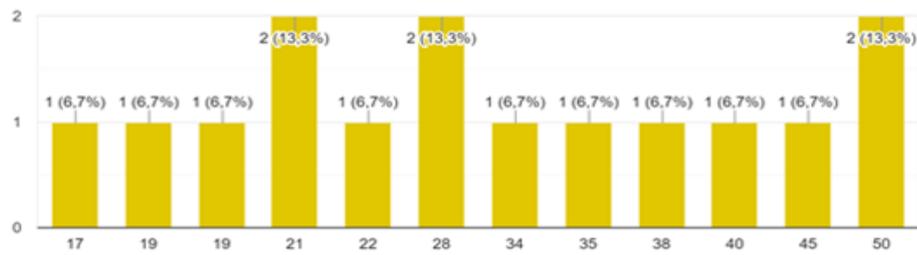
#### O PERFIL DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

O formulário contou com a participação de quinze pessoas, com a faixa etária entre 17 à 50 anos, sendo todas elas se identificando como mulheres pardas ou mulheres negras. No que diz respeito ao mercado de trabalho 33,3% do grupo trabalha como funcionária pública, temos a mesma porcentagem no mercado informal, as outras ocupam as mais variadas profissões entre a docência acadêmica, a nutrição, e a autonomia profissional. A grande maioria está inserida dentro das universidades seja ela incompleta, completa ou na pós-graduação.

Para garantir a identidade das mulheres negras que responderam o formulário online solicitamos que elas escolhessem um pseudônimo que poderia ser o nome de uma atriz, escritoras, cantora ou pesquisadora negra. Os escolhidos foram Angela Davis, Tais Araújo, Aprendiz de filósofa americana, Sade Adu, Deusa do Ébano 2013, Azoilda Loretto da Trindade, Luedji Luna, Professora negra, Nina Simone, Tempestade, Omo Oyá, Auta de Souza, Rihanna, Empreendedora Negrw, e Elza Soares.

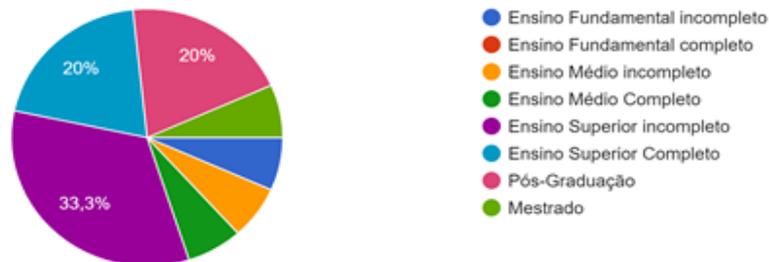
Figura 01 - Tabela referente a idade das participantes

Quantos anos você tem?  
15 respostas



Fonte: Formulário online do *google* produzido pelas pesquisadoras  
 Figura 2 - Tabela referente a escolaridade das participantes

Escolaridade  
15 respostas

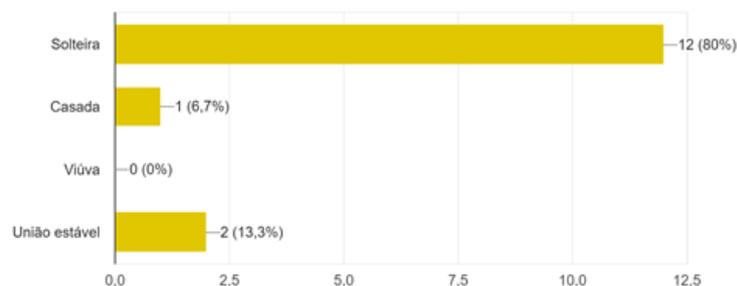


Fonte: Formulário online do *google* produzido pelas pesquisadoras

Entre as participantes 80% estão solteiras, maioria não têm filhos. Apenas duas participantes são mães solas, e com isso temos uma maioria de mulheres que mora com os familiares e conta com dois até quatro salários mínimos.

Figura 3 - Tabela referente ao estado civil das participantes

Qual seu estado civil?  
15 respostas



Fonte: Formulário online do *google* produzido pelas pesquisadoras

Figura 4 - Tabela referente a quantidade de filhos das participantes

Quantos filhos você tem?  
15 respostas



Fonte: Formulário online do *google* produzido pelas pesquisadoras

## DISCURSO DE RACIALIDADE E DE GÊNERO NAS MÍDIAS CONVÊNCIONAIS

Apontamos a representação da mulher negra dentro das mídias e é indispensável discutir o modo como essa imagem é apresentada. Para as entrevistadas a mídia as representa através de estereótipos inseridas dentro do discurso hegemônico e branco, tendo como o ponto de referência o homem cis branco. A mulher é um ser desumanizado tratado como subserviente, visto como uma mulher “batalhadora, trabalhadora, sempre forte, sempre a que serve e sempre submissa.” (Entrevistada Rihanna) e não ocupa um lugar de destaque.

Quando perguntadas as entrevistadas não se sentem verdadeiramente representadas na mídia de massa. Existem algumas produções que elas se identificam, que são feitas por pessoas negras que buscam romper com o estereótipo, como a série de televisão da HBO, *Insecure*, o filme *Pantera Negra*, produções do cineasta e ator Spike Lee. Quase 40% das entrevistadas se veem representadas em Maju Coutinho uma jornalista e atual apresentadora do *Jornal hoje* pela TV *Globo* sendo ela uma mulher negra que está em posição de destaque em uma das maiores emissoras de televisão do Brasil.

**CHALLENGES - Desconstruindo o olhar da mídia de massa sobre o ser negra**

As challenges, ou na tradução desafios, consistem em vídeos curtos produzidos pelos internautas. Cada desafio tem uma temática, como por exemplo desafios de maquiagem, desafios de troca de roupa. O desafio chamado Don't rush Challenge tem este nome devido a música da trilha sonora dos vídeos, a canção Don't rush, dos cantores Young T e Bugsey. Essa challenge tinha como foco evidenciar pessoas negras, o vídeo consiste em trazer o contraste dos looks de homens negros e mulheres despojados ou até desarrumados em casa versus o look dessas pessoas negras bem arrumados.

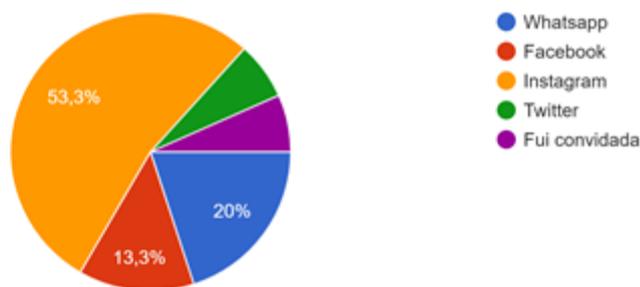
Os vídeos que as entrevistadas participaram são divididos em categorias. E no que diz respeito às categorias das Challenges, que as entrevistadas participaram, em sua maioria a maior porcentagem de participação foi para categoria sobre mulheres negras, em segundo lugar para categoria de mulheres de axé e em terceiro para categoria de mulheres negras gordas.

A maioria das entrevistadas ficou sabendo sobre o surgimento das Challenges através do Instagram ou WhatsApp. Em sua maioria foram motivadas a participar da challenge para pensando em representatividade, valorização e fortalecimento da imagem da mulher negra. Outros aspectos citados foram o desafio a autoimagem, demonstração do amor a religião de matriz africana e a divulgação da língua africana Kimbundu.

Figura 5 - Tabela referente a como ficaram sabendo das Challenges

Como você ficou sabendo do challenge?

15 respostas



Fonte: Formulário online do *google* produzido pelas pesquisadoras

Partindo da ideia de que as mulheres negras quando são representadas nas mídias tem suas feições e o seu corpo associado ao imaginário de algo negativo, as participantes se sentiram influenciadas a participar da Challenge para exaltar e romper com o estereótipo construído para a mulher negra. Hooks (2015, p. 206) adverte que:

Estereótipos racistas da supermulher negra forte são mitos que atuam nas mentes de muitas mulheres brancas, que lhes permitem ignorar até que ponto as mulheres negras têm probabilidades de ser vitimizadas nesta sociedade, e o papel que as brancas podem cumprir na manutenção e perpetuação dessa vitimização.

Pensado nessa questão, é preciso que os brancos se responsabilizem sobre os estereótipos que reforçam o racismo e a manutenção da opressão sob os corpos das mulheres negras. Alguns estereótipos, como o da “supermulher, perpetuam essa ideia de que situações que ocorreriam com mulheres brancas não afetariam ou estariam permitidos de acontecer com corpos negros, afinal são pessoas que foram escravizadas e sofreram tanto e continuam sobrevivendo a todas essas questões raciais.

O objetivo das challenges foi passar a mensagem de ressignificação da imagem da mulher negra já que na mídia não se sentiam representadas verdadeiramente e queriam passar a mensagem de como são “lindas, sedutoras apesar de todo discurso e representação cultural e midiática de que as bonitas são as mulheres brancas” (Azoilda Loretto da Trindade). Outros pontos foram demonstrar orgulho à religião e a busca pelo respeito por sofrerem muito preconceito.

Sabemos que o preconceito e o desrespeito ocorre sempre quando alguém professa alguma ideia contrária à maioria e no que diz respeito à intolerância religiosa os adeptos das religiões afrobrasileiras são os principais alvos do desrespeito e intransigência, que são propagados em canais de televisão comandados por líderes pentecostais e/ou neopentecostais; por mídias sociais; dentro de algumas igrejas, as quais influenciam muitos “cristãos” a agir com hostilidade aos adeptos de outras crenças religiosas. (SANTO; SILVA FILHO, 2017, p. 435).

Outro ponto, foi apresentar outra perspectiva da mulher negra, trazendo um contraponto já que a challenge parte da transformação de “como fico quando estou despojada” para a transformação de uma mulher “produzida” e o efeito é “nos vemos como pessoas normais, com seus momentos e dias com

"roupa de ficar em casa" e momentos em que nos sentimos e nos permitimos ficar maravilhosas e bem conosco". (Aprendiz de filósofa amefricana).

Desde a criação das mídias e dos programas de televisão por exemplo, tivemos a representação e a exaltação de um modelo de mulher ideal. Esse padrão de mulher não incluía a mulher gorda, negra e com deficiências. A mulher negra teve sempre como modelo ou com ideal a ser alcançado mulheres brancas como Xuxa, Eliana e Angélica. As entrevistadas tiveram algumas experiências positivas como a família, principalmente as mulheres como a mãe e irmãs. Outro lugar que uma delas buscou identificação foi o Bloco do Ilê Aiyê, lugar que buscou e busca exaltar a negritude e resgata as raízes africanas para reafirmar a beleza e os encantos da mulher negra. Trazendo falas como a da entrevistada Azoilda Loretto da Trindade: "Renasci em África mesmo na diáspora. Acho que o maior gatilho foi ter acesso a produção de conhecimento de negros e negras intelectuais e ativistas para me sentir poderosa herdeira de reis e rainhas e de uma ancestralidade científica, filosófica que existe antes da colonização, dessa ideia de modernidade. A gente não vê nada disso na escola, mas quando a gente conhece não tem mais volta. Enegreci na alma pois no sangue e na pele sempre fui." (FORMULÁRIO ONLINE DA PESQUISA, 2020).

Nesse processo de reencontro e aceitação percebemos que espaços em que se discute e traz o resgate da beleza da mulher negra ajuda na autoafirmação da mulher negra, como projetos desenvolvidos no Dilazenze sobre a beleza negra que permitam que "Quando faço penteados afro me olho no espelho e vejo meus ancestrais, minha força, meus traços" (Entrevistada Rihanna).

Quando fazemos uma retrospectiva relacionada ao movimento feminista entendemos como esses espaços são importantes também no que diz respeito a imagem da mulher, pois discutindo as teorias feministas a partir de uma perspectiva racializada, podemos questionar também de que forma e qual a importância da presença da mulher negra na mídia. Quando temos, projetos como as challenges que buscam exaltar e trazer a discussão da representação e trazer visibilidade a mulher negra. Podemos trazer a público esses questionamentos e ressaltar o impacto positivo que a diversidade de corpos

permite e o impacto que ressignificar o corpo negro para a mídia como sendo um corpo que sim, apresenta aspectos positivos, e não ele não deve ocupar o espaço dos bastidores e deve ser contemplado como belo no lugar de evidência.

### Considerações Finais

Historicamente, os subalternos - leem-se todos aqueles que não são homens brancos, com condição econômica favorável - foram descritos e retratados da forma que fosse mais conveniente para eles. As mulheres que ousavam se rebelar eram retratadas como loucas, estereotipadas e negadas a fala. Quando essas tinham a possibilidade de falar era a luz do pensamento e do imaginário do homem branco. A mulher sempre foi representada em uma perspectiva e sob um olhar masculino e quando a mulher rompeu com esse processo de subalternização, o feminismo surgiu. E com muitas lutas, tem se avançado pela conquista de direitos e valorização da mulher. As discussões de racialidade e de gênero possibilitam entender as diferentes vivências e como a sociedade compreende uma mulher branca e uma mulher negra. As diversas mídias possibilitaram analisar como essas representações impactam sobre a visão e o entendimento que se tem sobre o ser mulher e suas pluralidades nas representações.

Durante a análise dos dados, no encontramos diante de uma pandemia. Estivemos em meio a mais uma dificuldade, afinal, o vírus COVID-19 pode não ser seletivo, mas o atendimento à saúde pública beneficia um grupo específico. E apesar destes obstáculos que acompanham a o dia a dia da mulher negra, houve tempo para pensar sobre a questão da desconstrução da racialidade da mulher negra. Outro ponto levantado foi a dificuldade de realizar esta pesquisa tendo em vista que a maior porcentagem de morte sempre é a da população negra. Esta situação impactou no nosso emocional e também impacta sobre o emocional das mulheres analisadas.

Na análise de dados houve uma quebra com a construção que a sociedade espera como condição para a mulher negra, em um lugar de subalternidade, pobreza e não escolarização. Essa construção tem mudado, e podemos ver nos

dados da nossa pesquisa. Encontramos mulheres que estão economicamente bem, estão dentro de um contexto de não submissão, já que a maioria está na universidade e nós acreditamos que a mudança de classe e a virada de empoderamento racial se dá pela questão econômica e também educacional.

E suma a pesquisa discute a representação da mulher negra com pesquisadoras negras que entende a problemática de ser uma mulher negra no Brasil. E assim sendo, a pesquisa se direciona como espaço de reposicionamento do imaginário da negritude para o povo negro também. Já que a busca de conhecimento nada beneficia se não busca retornar ao seu povo. Ao desenvolver essa pesquisa percebemos que as mídias digitais se situam com um palco de disputas de narrativas insurgentes em que as mulheres, principalmente as negras, reconstroem sua identidade e sua condição de mulher negra, rompendo com o discurso historicamente construído pelas mídias de massa de subalternidade, pobreza e não escolarização.

## Referências

BAHRI, Deepika. Feminismo e/no pós-colonialismo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 2, n. 21, p.659-688, maio/ago. 2013.

HINE, Christine. *Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday*. London and New York: Bloomsbury, 2015.

hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, [s.l.], n. 16, p.193-210, abr. 2015. FapUNIFESP (SciELO).

MALAQUIAS, Thaysa. *O que é o ciberfeminismo? Da origem por Donna Haraway às práticas atuais*. 2016. Disponível em: <https://www.naomekahlo.com/o-que-e-o-ciberfeminismo-da-origem-por-donna-haraway-as-praticas-atuais/>. Acesso em: 19 jan. 2020.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, Murilo Silva; SILVA FILHO, José Carlos Almeida. O neopentecostalismo e a intolerância religiosa praticada contra as religiões afro-brasileiras. *Unitas: Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, Vitória-ES, v. 5, n. 2, p. 422-438, Ago-Dez, 2017.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. *Lélia Gonzalez e outras mulheres: pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo*. Revista da ABPN, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.52-63, mar./jun. 2010.